



**Folha de aprovação**

2024 – BRENDA OLIVEIRA DOS SANTOS

**“A jornada da heroína: Análise da estrutura narrativa do livro *Contos às Marias*”**

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas

Aprovada pela seguinte Banca Examinadora

  
Orientadora: Professora Doutora Ana Carolina Cruz de Souza

  
Parecerista: Professora Doutora Carla de Quadros (UNEB-CAMPUS V)

  
Parecerista: Professor Doutor Paulo de Assis de Almeida Guerreiro

Santo Antonio de Jesus, 09 de julho de 2024

# A JORNADA DA HEROÍNA: ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA DO LIVRO *CONTOS ÀS MARIAS*

Brenda Oliveira dos Santos<sup>1</sup>  
Ana Carolina Cruz de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise analítico-descritiva sobre alguns contos selecionados da obra “Contos às Marias”, de Daianna Quelle Silva. A análise é fundamentada no livro *A Jornada da Heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino*, de Maureen Murdock, que descreve em etapas as experiências femininas na busca por identidade e realização pessoal. A obra de análise foi escolhida pela relevância em retratar figuras femininas como “Marias”, como símbolos do cotidiano. Entende-se que este estudo busca entender a jornada das heroínas na literatura contemporânea, nordestina e baiana representada nos minicontos, oferecendo uma contribuição valiosa para os estudos literários de gênero.

**Palavras-chave:** Jornada; Feminino; Minicontos; Identidade.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende fazer uma reflexão analítico-descritiva acerca de uma seleção de minicontos retirados do livro *Contos às Marias* da autora Daianna Quelle Silva. O livro escolhido dialoga com o conceito de Jornada da heroína apresentado pela, também autora, Maureen Murdock no livro *A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino*, que, por sua vez, também estabelece um diálogo com um conceito mais antigo, “Jornada do herói”, criado por Joseph Campbell no livro *O herói de mil faces*. Nesse escrito, o autor descreve o que já acontecia em grandes histórias conhecidas e em filmes, em cujo enredo o protagonista passa por “estágios” através dos quais vai construindo caráter e autoaprendizado até o desfecho final. Esses estágios são identificados mediante 17 passos definidos como: O chamado à aventura, Recusa do chamado, Ajuda sobrenatural, Travessia do primeiro limiar, Barriga da baleia, Estrada de provas, Encontro com a Deusa, A Mulher como tentação, Expição com o Pai, Apoteose, A última bênção, Recusa do retorno, O voo mágico, Resgate com auxílio externo, Travessia do Limiar do retorno, Senhor de dois mundos e Liberdade para Viver.

É importante ressaltar que Joseph Campbell não é o criador da Jornada do herói; ele apenas, como antropólogo, analisa diversas histórias e encontra nelas uma espécie de estrutura comum às lendas e mitos que todas as culturas em todo o mundo tinham. A análise de Campbell inclui um total de 17 etapas que, mais tarde, Christopher Vogler adaptou em 12 etapas no livro *A Jornada do Escritor*. São elas: Mundo Comum; Chamado à Aventura; Recusa do Chamado; Encontro com o Mentor; Travessia do Primeiro Limiar; Testes, Aliados,

Inimigos; Aproximação da Caverna Oculta; Provação; Recompensa (Apanhando a Espada); Caminho de Volta; Ressurreição; Retorno com o Elixir.

A jornada da heroína é uma extensão da Jornada do herói. Maureen Murdock, ao apresentar a ideia em seu livro, busca explorar as narrativas femininas. O foco desta estrutura é nas experiências, desafios e transformações enfrentados por personagens femininas. A finalidade é analisar a jornada das mulheres em sua busca por identidade, poder e realização pessoal. A estrutura permanece muito similar ao que Campbell e Vogler propõem. Contudo, a caracterização se reduz a 10 estágios respectivamente denominados: Separação do feminino; Identificação com o masculino e conquista de aliados; Caminho de provas: encontro com ogros e dragões; A dádiva ilusória do sucesso; Mulheres Fortes podem dizer não; Iniciação e descida para a Deusa; Anseio urgente pela reconexão com o feminino; Cura da ruptura mãe/filha; Cura do masculino ferido; Integração de masculino e feminino.

O livro *Conto às Marias*, de Daianna Quelle, foi escolhido para análise por sua relevância em trazer um painel de personagens femininas convertidas em “Marias” que são símbolo do cotidiano feminino e das facetas do compreender-se mulher. Cada miniconto<sup>1</sup> dialoga brevemente com o conceito de Jornada da heroína, sendo o suficiente para explorar cada aspecto da jornada das mulheres literariamente figuradas, permitindo uma análise aprofundada sobre como essa jornada pode ser entrevista no manuscrito em estudo.

Esta análise busca aprofundar o entendimento sobre a jornada da heroína na literatura contemporânea, nacional, nordestina e baiana, através dos minicontos de Daianna Quelle. Ao examinar como as personagens femininas vivenciam e superam desafios ao longo de suas jornadas, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento sobre as narrativas femininas e seu impacto na construção de identidades e valores sociais, bem como na discussão acerca de representatividades antes excluídas ou silenciadas na literatura.

A importância de se escrever sobre este tema é dar dizibilidade e visibilidade<sup>12</sup> às narrativas femininas e explorar o conceito da Jornada da heroína como uma estrutura recorrente nas histórias com protagonistas mulheres. Também é relevante o estudo na contribuição que possa trazer para o campo dos estudos literários de gênero.

Diante do livro escolhido, busca-se destacar a representatividade das mulheres na literatura contemporânea, promovendo uma reflexão sobre o tema, ou seja, dar visibilidade e voz na sociedade a grupos historicamente marginalizados.

---

<sup>1</sup> Gênero textual narrativo conciso que mantém de forma breve elementos textuais de uma narração.

<sup>2</sup> Termo tomado de empréstimo de Muniz de Albuquerque (2008).

O objetivo do estudo é analisar como a jornada da heroína é construída e representada nos minicontos do livro *Conto às Marias*, identificar padrões e elementos recorrentes sobre a Jornada da heroína.

O artigo está estruturado em 4 seções. Na primeira, apresentaram-se as considerações iniciais. Na segunda, um quadro teórico-metodológico. Na terceira, são analisados os perfis das Marias à luz da *jornada da heroína*. Por último, são apresentadas as considerações finais sobre o estudo ora desenvolvido.

## 2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Conforme explicitado na introdução, o livro que inspira a realização desta pesquisa intitula-se *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell. Nesse trabalho, o autor descreve passo a passo uma série de similaridades presentes em mitos, apresentando-o em etapas. Essas grandes histórias, desde sempre contadas, apresentam características espontâneas e intrínsecas que emergem naturalmente, sem qualquer intenção de serem iguais. Cada uma das histórias possui sua própria narrativa, mas todas mantêm uma estrutura semelhante que segue o padrão da jornada do herói.

Conforme mencionado, Christopher Vogler, renomado roteirista e escritor, condensou o livro de Campbell em 12 passos no livro *A jornada do Escritor*. Logo no início do livro, ele revela a existência de um diálogo com o estudo desenvolvido por Campbell. Na introdução de *A jornada do escritor*, Vogler conta como entrou em contato com o trabalho de Campbell e acabou desenvolvendo seu próprio livro.

Trabalhei com a idéia de Campbell sobre a Jornada do Herói, para entender o incrível fenômeno de repetição que ocorreu com filmes como Guerra nas estrelas e Contatos imediatos de terceiro grau (Vogler, 2015, p. 27).

Ele utilizou tais processos da jornada do Escritor em toda a construção de roteiros cinematográficos de sua autoria.

A jornada do herói descreve a jornada de um protagonista em busca de um objetivo, passando por diferentes estágios de desenvolvimento e transformação ao longo do caminho.

Os três momentos descritos por Campbell são: Partida, Iniciação e Retorno. A partida é o que antecede a aventura e já apresenta o que desperta o herói para a jornada. A Iniciação é todo o desenrolar da história, onde o protagonista passa por uma sucessão de provas. Segundo ele, é “Essa é a fase favorita do mito-aventura” (Campbell, 1949, p. 57). No Retorno, o herói

volta para o seu ponto de partida, com uma série de aprendizados adquiridos durante a Iniciação.

O primeiro passo apresentado por Vogler é intitulado *O Mundo Comum*: é onde a história do herói é apresentada. Em seguida, *O Chamado à aventura* que introduz o leitor para o ponto chave da história, ou seja, o protagonista relata algo que o tire da sua zona de conforto, da saída do local que o conduz à aventura, à aprendizagem acerca da vida. Esse chamado pode ser mais palpável e físico ou simplesmente na mente do protagonista. O terceiro passo é a *Recusa do chamado*, que nada mais é do que a fase de negação que o faz sair da zona de conforto, por uma série de fatores como não se achar capaz. O quarto passo é o *Encontro com o mentor*, que pode ser um mago, amigo, oráculo, alguém experiente que o impulsiona a seguir a jornada. Depois, em *Travessia do limiar*, o protagonista aceita o chamado à aventura e inicia essa mudança de fase. Na fase *Testes, aliados e inimigos*, o herói encontra amigos, amores e inimigos em meio às provações. O sétimo passo é a *Aproximação da caverna*, etapa em que o protagonista parte para desafios maiores. Adiante, *Provação*, apresenta-se o maior problema que ele precisa enfrentar, ou seja, trata-se do clímax da história. *A Recompensa*, como o próprio nome já insinua, é quando o mocinho recebe algo recompensador que veio logo após enfrentar a Provação. *Caminho de volta* é quando o herói quase chega a desistir pelas consequências enfrentadas na Provação. O décimo primeiro passo é a *Ressurreição*, momento que configura a transformação do herói mediante o enfrentamento final contra os inimigos. Por fim, *O Retorno do elixir* representa a volta para o *Mundo comum*, agora totalmente mudado, melhor, mais forte diante de tudo que lidou.

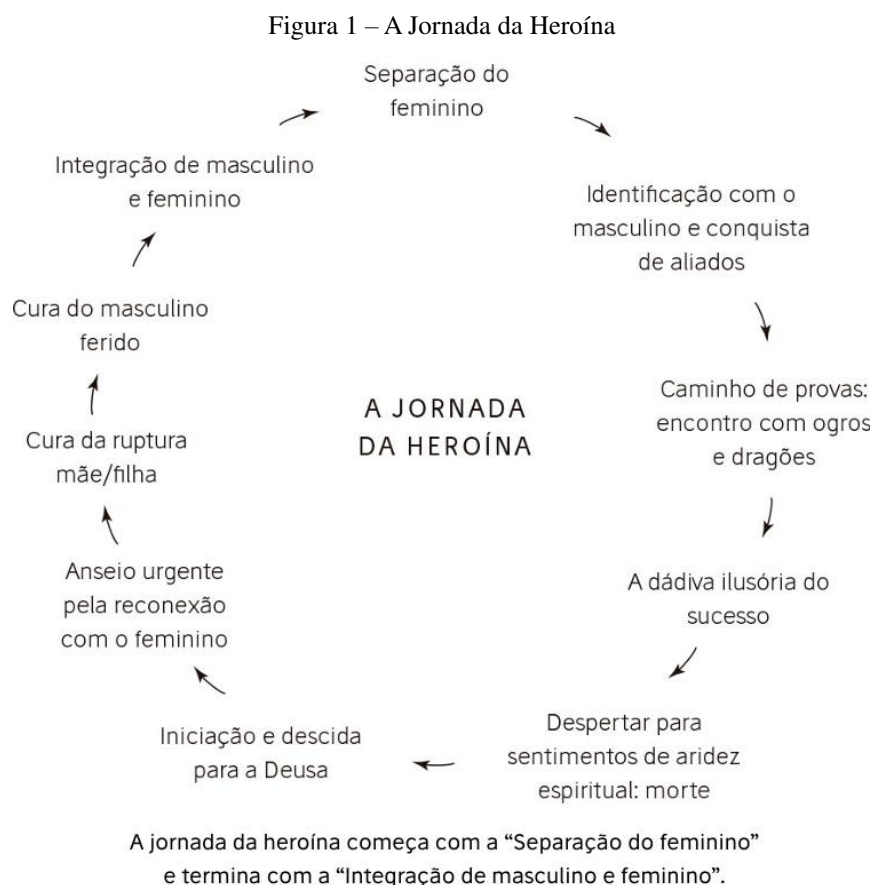
Todas as etapas contribuem para o desenvolvimento da narrativa e também do próprio protagonista, simbolizando a evolução do herói, rumo a mudanças e amadurecimento através de suas experiências. Esses elementos não só tornam a narrativa mais envolvente e coesa, mas também permitem que os leitores ou espectadores se conectem mais profundamente com o protagonista, acompanhando sua jornada de autodescoberta e superação.

Assim como a Jornada do herói, a Jornada da heroína é uma estrutura presente em textos de natureza feminina descritos e estudados pela autora Maureen Murdock ao analisar livros e textos que tinham o mesmo modelo de Campbell e Vogler, mas que contemplavam figuras femininas. Por isso, Murdock escreve o livro *A jornada da heroína* que tem uma relação próxima com *A jornada do herói*, uma vez que ambos seguem estruturas narrativas similares, porém com focos diferentes. Enquanto *A jornada do herói* explora a jornada externa e física do protagonista, *A jornada da heroína* enfatiza a jornada interna e emocional

da personagem feminina, destacando suas lutas, descobertas e transformações ao longo da história. Segundo Maureen:

Não há uma linha reta a ser seguida. Trata-se de uma viagem que raramente recebe validação do mundo exterior – que, na verdade, muitas vezes a sabota e interfere nela. O modelo da jornada da heroína deriva, em parte, do modelo de Campbell da jornada do herói. A linguagem das etapas, entretanto, é específica das mulheres e o modelo visual se apresentou para mim de uma forma muito feminina (Murdock, 1990, p. 23).

A principal diferença entre *A jornada do herói* e *A jornada da Heroína* está na perspectiva e nas experiências enfrentadas pelos protagonistas. Na Jornada proposta por Murdock, o modelo é cíclico, não linear (Figura 1), conforme pode ser entrevisto pela ilustração a seguir:



Fonte: A Jornada da Heroína (1990)

*A jornada do herói* foca mais nas aventuras e conquistas de objetivos externos em relação à *jornada da heroína* que se concentra em jornadas internas, emocionais e de perdão

com o eu feminino, explorando temas como autoconhecimento, empoderamento e superação de desafios pessoais.

A estrutura de *A jornada da heroína* divide-se em 10 passos: Separação do feminino; Identificação com o masculino e conquista de aliados; Caminho de provas: encontro com ogros e dragões; A dádiva ilusória do sucesso; Mulheres Fortes podem dizer não; Iniciação e descida para a Deusa; Anseio urgente pela reconexão com o feminino; Cura da ruptura mãe/filha; Cura do masculino ferido; Integração de masculino e feminino.

A primeira fase é a **Separação do feminino**, que representa a individuação da mulher, ou seja, a separação da mãe e do poder que ela representa. Separar-se dessa figura é um passo crucial para que a filha possa encontrar e afirmar sua própria identidade. A jornada da individuação feminina envolve um delicado equilíbrio entre se afastar dos aspectos negativos internalizados da figura materna e integrar as qualidades positivas do feminino, muitas vezes reprimidas ou desvalorizadas. Esse processo é essencial para a mulher encontrar seu verdadeiro eu e viver uma vida plena e autêntica.

Para se distanciar de sua mãe e do poder da mãe sobre ela, a mulher pode passar por um período de rejeição a todas as qualidades femininas que são distorcidas pela lente cultural como inferiores, passivas, dependentes, sedutoras, manipuladoras e impotentes (Murdock, 1990, p. 37).

Na fase seguinte, Murdock apresenta a **Identificação com o masculino e conquista de aliados**. Nesta etapa, as normas masculinas são padrão social de liderança, autonomia e sucesso. A menina, ao perceber esse valor, busca se identificar. “[...] certos acontecimentos, pessoas e posições têm mais valor inerente do que outros. Esses acontecimentos, pessoas e posições são geralmente masculinos ou definidos por homens.” (Murdock, 1990, p. 53). Mulheres de alto desempenho são chamadas filhas do pai, pois buscam aprovação e poder daquele primeiro exemplo masculino, muitas vezes excluindo a mãe. Essa etapa de *A jornada da heroína* envolve a identificação com o masculino e a busca por aliados que possam mostrar o caminho para o sucesso. Essa busca pela validação masculina é uma transição saudável da fusão com a mãe para maior independência.

No **Caminho de provas: encontro com ogros e dragões**, a heroína da história atravessa um caminho repleto de desafios em busca de autoconhecimento. Os obstáculos interiores são lutas contra dúvidas e medos pessoais, como por exemplo o "mito da dependência", que coloca as necessidades dos outros à frente das suas, desde a infância. Isso é reforçado pela sociedade que espera que as mulheres sejam cuidadoras e se sacrifiquem pelos

outros, frequentemente levando-as a se sentirem culpadas ou inadequadas. “Espera-se das mulheres que elas cuidem das necessidades de dependência dos outros. Elas são treinadas desde a infância para antecipar essas necessidades” (Murdock, 1990, p. 76). Ou o “mito do amor romântico” que perpetua a ideia de que a mulher busca um pai/amante/salvador para resolver todos os seus problemas, como verdadeiros heróis. A verdadeira jornada heroica para as mulheres envolve desafiar os mitos patriarcais, buscar a autonomia e encontrar a própria voz.

Em **A dádiva ilusória do sucesso**, a autora explica que as mulheres de hoje buscam ser supermulheres como reação ao machismo e às expectativas da geração anterior. Esse ideal de perfeição as leva à exaustão e à sensação de nunca serem "boas o suficiente". Então surge a “grande fingidora”, que, segundo Murdock, é a heroína buscando constantemente novos desafios para esconder sua sensação de vazio e falta de realização. “Ela acalma a sensação de vazio massageando o próprio ego com mais atos de heroísmo e realizações” (Murdock, 1990, p. 95). Segundo a autora, a heroína nunca se satisfaz, pois seu motivador interno a pressiona incessantemente para sempre buscar mais. O processo de construção da identidade é essencial para que a mulher se liberte dos padrões de heroísmo impostos, aceitando suas limitações e reconhecendo que é suficiente exatamente como é.

A quinta fase é **Mulheres fortes podem dizer não**, segundo a qual muitas mulheres, ao alcançarem o sucesso no trabalho, sentem que pagaram um preço alto pelo bem-estar emocional. A desconexão com sua essência feminina e a busca desenfreada por objetivos masculinos podem levar a um esgotamento espiritual profundo. Quando elas dizem não às expectativas impostas, experimentam medo, decepção e libertação. A autora ressalta a importância de as mulheres aprenderem a simplesmente ser, dizendo não às posições que não desejam ocupar. Essa jornada de autodescoberta e autenticidade exige coragem, sacrifício e disciplina, mas leva a uma sensação de liberdade e satisfação pessoal.

O processo de **Iniciação e descida para a Deusa** é desencadeado por uma perda significativa na vida da mulher. Essa jornada é marcada por confusão, tristeza, alienação e desespero, momento em que a mulher se sente nua e exposta. Durante essa descida, a mulher se afasta do "reino masculino" e mergulha profundamente em si mesma, buscando reconectar-se com suas emoções, intuição, sexualidade e valores. Essa fase reflete a busca da mulher dos fragmentos perdidos de si e o processo de reconciliação com sua feminilidade e sua ancestralidade.

Em **Anseio urgente pela reconexão com o feminino**, após a descida e rompimento com a identidade patriarcal, surge na mulher um desejo urgente de se reconectar com aspectos

femininos como o corpo, emoções, espírito e criatividade. Esta reconexão pode ser revelada através de sonhos, eventos sincrônicos e expressões artísticas, pois, por muito tempo, os sentimentos femininos como raiva e tristeza foram suprimidos. Ao retornar da descida, a mulher recupera seu corpo e a sacralidade do feminino.

Através da alimentação, do exercício, do banho, do descanso, da cura, do sexo, do nascimento e da morte conscientes, ela nos recorda da santidade do feminino. Para muitas mulheres, inclusive eu mesma, os momentos mais sagrados foram físicos: ser abraçada, fazer amor, amamentar uma criança (Murdock, 1990, p. 152).

Nesse sentido, ela começa a honrar suas necessidades corporais através de alimentação, exercício, descanso e cura consciente. Experiências físicas, como amamentar e dar à luz, aproximam a mulher do sagrado. A recuperação do corpo feminino é crucial para a evolução da alma individual e cultural.

A **Cura da ruptura mãe/filha**, como a própria denominação já sinaliza, envolve curar a ruptura mãe/filha, visto que essa relação tem um impacto profundo na identidade de uma mulher. A busca por cura envolve reconectar-se com o feminino interior e, para algumas, reconciliar-se com a mãe. O texto discute a importância de aceitar de volta o feminino descartado para recuperar o poder feminino em sua plenitude. Aceitar e valorizar a "louca" dentro de suas mães significa também aceitar e valorizar essa parte dentro de si mesmas.

Cada uma de nós precisa aceitar de volta o feminino descartado para recuperar nosso pleno poder feminino. Se a mulher continua ressentida com a mãe por não ter recebido o cuidado materno, ela permanece ligada a essa mulher, uma filha numa eterna espera (Murdock, 1990, p.192).

A ideia central da fase **Cura do masculino ferido** é que o masculino ferido surge quando estamos desconectados do nosso feminino criativo, ignorando nossas emoções, intuição e corpo. Isso leva a um comportamento combativo, crítico e destrutivo. O texto enfatiza a necessidade de integrar o feminino para curar essas feridas masculinas. Conclui-se que a cura do masculino ferido passa por uma integração equilibrada do feminino e masculino, na união dos opostos.

Em relação à última fase, a **Integração de masculino e feminino**, Murdock (1990) lembra que a sociedade dualista cria polaridades. Só é possível a integração do masculino e feminino quando esses dois lados passam pelo casamento sagrado e unem-se em harmonia e

respeito mútuo. Ainda no tocante a essa fase, a autora destaca a importância da compaixão, da cura das dualidades e da valorização da diversidade para a evolução da consciência humana.

Feita a descrição de cada fase de *A jornada da heroína*, passa-se à análise dos padrões e elementos recorrentes nos minicontos de Daianna Quelle que coadunam com o arcabouço teórico desenvolvido por Murdock (1990). Esses parâmetros permitem uma análise aprofundada das narrativas de Daianna Quelle, destacando como as personagens femininas vivenciam e superam desafios ao longo de suas jornadas.

Os minicontos selecionados para este estudo são: O que há em Judite?; Antonieta em prosa; O mar de Maraísa II e O autorretrato.

Ao aplicar o conceito de *A jornada da heroína* de Maureen Murdock (1990) na análise dos minicontos de Daianna Quelle será possível promover uma reflexão crítica sobre questões de gênero, poder, resiliência e autoconhecimento presentes nas narrativas femininas, contribuindo para o enriquecimento do debate acadêmico e cultural sobre a representação das mulheres na literatura contemporânea.

Para selecionar os minicontos do livro "Conto às Marias", de Daianna Quelle, para análise, foram adotados critérios que consideraram a presença e desenvolvimento da jornada da heroína. Como se tratam de minicontos, fez-se um recorte em histórias mais extensas e que mais apresentavam a estrutura de *A jornada da heroína*. Os critérios adotados incluíram:

Representação da Protagonista Feminina, visto que o livro é especificamente sobre protagonistas femininas como figura central da narrativa, o que facilitou a análise da Jornada.

Cada conto é um fragmento desse cotidiano feminino. Há, em todo enredo, uma faceta do ser mulher e do compreender-se mulher. Partindo desse olhar, os contos, unidos, representam um conjunto da vivência feminal, que é subdividida em capítulos diários de uma vida (Silva, 2017, p. 5).

Estrutura da Jornada, pois os minicontos selecionados apresentam elementos característicos do quadro conceitual e analítico proposto por Murdock (1990), tais como: Separação do feminino; Identificação com o masculino e conquista de aliados; Caminho de provas: encontro com ogros e dragões; A dádiva ilusória do sucesso; Mulheres Fortes podem dizer não; Iniciação e descida para a Deusa; Anseio urgente pela reconexão com o feminino; Cura da ruptura mãe/filha; Cura do masculino ferido; Integração de masculino e feminino.

[...] Maureen já havia concebido o que chamou de jornada da heroína, que incorpora aspectos da jornada do herói de Campbell, porém com um foco diferente: o percurso feminino da heroína deveria curar a ruptura interior entre a mulher e sua natureza feminina e, ao final, após reconectar-se com o feminino, restabelecer o equilíbrio

entre o masculino e o feminino, em harmonia com a natureza, com a Terra (Murdock, 1990, p. 11).

Variedade de Temáticas: Buscou-se uma variedade de temáticas e enredos nos minicontos escolhidos, para proporcionar uma análise abrangente das diferentes experiências vivenciadas pelas personagens femininas ao longo de suas jornadas: “Cada ato curto possui um andamento próprio, um ritmo específico, o que simboliza tempo de existência, período de batalha e, até mesmo, a morte em vida” (Silva, 2017, p. 6).

Esses critérios foram aplicados de forma a garantir a representatividade e a pertinência da análise proposta, permitindo uma investigação cuidadosa na obra de Daianna Quelle Silva.

### 3 ENTENDENDO OS PERFIS DAS MARIAS À LUZ DE A *JORNADA DA HEROÍNA*

O primeiro miniconto escolhido foi “O que há em Judite?”, narrativa que conta sobre a transformação de Judite, uma mulher que, durante sua vida, foi moldada para ser submissa e recatada, conforme os padrões impostos por sua família, trabalho e sociedade. No entanto, ela começa a questionar suas memórias e desejos, sentindo-se insatisfeita com sua postura subserviente. Inspirada pelo filme *Frida*, Judite passa por um despertar interno, permitindo-se explorar novos caminhos e interesses. Em 12 de outubro de 2016, ela decide abandonar sua antiga identidade de "Maria" e abraçar sua verdadeira essência de "Eva", desafiando as expectativas sociais e vivendo uma vida de escolhas autênticas, apesar das dificuldades e dores que isso possa trazer.

Em relação à *jornada da heroína*, nesse miniconto, podem-se observar elementos da primeira etapa denominada por Murdock (1990) de **Separação do Feminino**. Inicialmente, Judite, a personagem de *Contos às Marias*, é separada de sua verdadeira essência, uma vez que foi moldada pela sociedade para ser uma mulher submissa (Maria): “[...] ideias e ritos transpostos para ela, impostos pelos jugos circundantes de pessoas da família, de pessoas do trabalho...” (Silva, 2017, p. 08). Este passo marca o início do distanciamento da heroína de seu verdadeiro eu, geralmente devido a expectativas sociais ou culturais. A segunda etapa identificada na obra de Daianna Quelle é a **Identificação com o Masculino e Conquista de Aliados**, momento em que Judite começa a questionar seu papel tradicional e buscar novas formas de ser, mas ainda está influenciada pelas expectativas sociais (masculinas) de sucesso e conformidade. A heroína adota características e comportamentos masculinos para se ajustar e obter aprovação em um mundo dominado por homens. Como exemplo, pode-se citar: “[...] há alguns dias sentia-se estranha, suas memórias eram questionadas, seus filmes tinham

mudado a forma. De repente, ao fim da tarde, não queria preparar o jantar, queria passear e sentir a brisa...” (Silva, 2017, p. 08).

Com relação à etapa **Caminho de Provas: Encontro com Ogros e Dragões**, se trata do momento em que a heroína deixa algum lugar de segurança para enfrentar algo novo, desafios e provações. Nessa fase, só é possível identificar que a protagonista Judite enfrenta obstáculos mais internos ao tentar redefinir sua identidade, desafiando as expectativas de sua família e sociedade: “Certa tarde, cheia de pequenos trabalhos a fazer, sentiu vontade somente de ler”. Esses são desafios e adversários que testam sua coragem e determinação. Na quarta etapa, **A Dádiva Ilusória do Sucesso**, a heroína alcança algum sucesso ou reconhecimento, mas sente que algo essencial ainda está faltando. No miniconto, não fica muito claro essa fase expressa na história. Em seguida, podem-se observar traços de **Mulheres Fortes Podem Dizer Não**. Nessa fase, a heroína aprende a estabelecer limites e a dizer não às expectativas e demandas externas que não se harmonizam com seu verdadeiro eu. O seguinte excerto extraído da obra ilustra as etapas **Caminho de Provas: Encontro com Ogros e Dragões** e **Mulheres Fortes Podem Dizer Não**:

De repente, ao fim da tarde, não queria preparar o jantar, queria passear e sentir a brisa... Certa tarde, cheia de pequenos trabalhos a fazer, sentiu vontade somente de ler, de desejar outros caminhos, outros vestidos e, até mesmo, alguns homens - como o atendente do setor trabalhista que fazia parte (Silva, 2017, p.08).

Judite finalmente toma a decisão de rejeitar a identidade imposta de Maria e abraçar a de Eva.

Na próxima fase, começa a **Iniciação e Descida para a Deusa**. Esse momento corresponde a uma jornada interior profunda, confrontando aspectos sombrios de si e buscando uma conexão com seu eu interior: “[...] véspera de feriado, decidi assistir na Netflix: Frida, o calo maldito pela sua própria família... Ebulições de sentimentos, pesquisas net adentro, pinturas revisitadas.” (Silva, 2017, p. 08). A decisão de Judite de sair da sua zona de conforto, pesquisar mais sobre mulheres como Frida, marca essa fase, representa uma descida profunda para dentro de si mesma, confrontando suas verdades e dores.

Na etapa **Anseio Urgente pela Reconexão com o Feminino**, a heroína anseia por integrar aspectos femininos autênticos e rejeitados de si mesma. Por exemplo: “deixou crescer em suas entranhas a "Eva" do âmago feminino.” (Silva, 2017, p. 08).

A etapa **Cura da Ruptura Mãe/Filha** é demarcada por um período de conflitos internos não resolvidos que são associados à figura materna e que posteriormente são resolvidos. Embora o miniconto não detalhe uma relação de Judite com sua mãe, sua transformação sugere que uma cura simbólica acontece.

Em a **Cura do Masculino Ferido**, a heroína cura aspectos masculinos feridos dentro de si mesma, integrando-os de maneira saudável. Fica implícita essa transformação, pois não há grandes detalhamentos no texto.

No que tange à **Integração de Masculino e Feminino**, percebe-se que a heroína alcança um estado de equilíbrio e harmonia interna, integrando plenamente aspectos masculinos e femininos de sua identidade. Judite, ao abraçar sua identidade de Eva, integra aspectos de força e vulnerabilidade, ou seja, qualidades atribuídas culturalmente ao masculino e feminino, respectivamente: “[...] dia da transmutação: Judite deixou "Maria" ir-se, libertou sua "Eva", e paga até hoje os pecados, com dores, mas também alegrias e ter decisões, de seguir na contramão” (Silva, 2017, p. 08).

Esse primeiro miniconto "O que há em Judite?" ilustra claramente os passos da *Jornada da Heroína*, mostrando a evolução de Judite de uma posição de conformidade e submissão para uma de autoconhecimento e equilíbrio. Ao longo do miniconto, Judite enfrenta desafios, questiona e redefine sua identidade e, finalmente, encontra um caminho que integra de maneira harmoniosa as diversas facetas de seu ser. A transformação de Judite é um bom exemplo da manifestação da *Jornada da heroína* em minicontos.

A segunda história escolhida, "Antonieta em prosa", relata a trajetória de Antonieta, que aos 13 anos começou a enfrentar questionamentos, imposições rígidas de sua mãe e da sociedade. Após um episódio de violência doméstica, no qual sua mãe a agrediu com uma panela, Antonieta decidiu partir. Na zona rural de Cabaceiras, Bahia, trabalhou como doméstica e sofreu abusos do patrão por sete anos. Em um momento de revolta, reagiu contra o patrão e passou a sustentar-se como lavadeira, vivendo de seu próprio trabalho. Mesmo enfrentando constantes questionamentos e julgamentos sociais sobre sua vida e escolhas, Antonieta manteve sua dignidade e independência. O miniconto destaca a resiliência e a fé de Antonieta, reflete sobre a força do respeito e a importância de acreditar.

No referido miniconto, a primeira fase, **Separação do Feminino**, marca o início do distanciamento da heroína de seu verdadeiro eu, geralmente devido a expectativas sociais ou culturais. Esse momento fica evidente logo no início da sua adolescência, aos 13 anos, quando ela é submetida às imposições rígidas de sua mãe, que a repreende e agride. Essa fase

representa a separação de sua própria identidade feminina, sujeita às expectativas da sociedade e da família:

Era 11 de junho, Antonieta resistia a todas as perguntas e, de repente, sentiu o aço da panela nas costas.” e “Guardou as lágrimas, pegou as três saias de imitação de caça, as duas blusas remendadas, o vestido de festa e as cinco calcinhas, colocou tudo no saco amarelo e tomou um destino (Silva, 2017, p. 19).

Na etapa **Identificação com o Masculino e Conquista de Aliados**, Antonieta deixa sua casa e começa a trabalhar como doméstica, assumindo responsabilidades e independência, características tradicionalmente associadas ao masculino. No entanto, para se obter aprovação em um mundo dominado por homens, “lavou pratos, limpou o chão, serviu de amiga do patrão” (Silva, 2017, p. 19).

No **Caminho de Provas: Encontro com Ogros e Dragões**, os desafios encontrados por Antonieta ocorreram enquanto vivia sua independência no ambiente de trabalho violento. Durante os sete anos em que trabalhou como doméstica, Antonieta sofreu abusos do patrão: “[...] sete anos se passaram, quatorze vezes apanhou do patrão...” (Silva, 2017, p. 19).

Em **A Dádiva Ilusória do Sucesso**, a protagonista enfrenta o que inicialmente parece uma solução para a independência, que é seu trabalho, mas logo se revela uma situação deplorável devido aos abusos do patrão.

Na fase das **Mulheres Fortes Podem Dizer Não**, Antonieta, cansada de ter que aguentar as violências, em um momento de revolta, decide reagir contra o patrão, dizer não ao que lhe foi imposto, e deixa o trabalho de doméstica: “[...] quatorze vezes apanhou do patrão, mas um dia resolveu lavar o rosto, empurrar o patrão escada abaixo e trabalhar como lavadeira de ganho, para fazer o seu barraco” (Silva, 2017, p. 19).

A fase da **Iniciação e Descida para a Deusa** começa quando a protagonista diz não e enfrenta o patrão. Após deixar o trabalho de doméstica, Antonieta desce para um estado introspectivo, buscando compreender e curar suas feridas internas enquanto trabalha como lavadeira: “[...] mas um dia resolveu lavar o rosto, empurrar o patrão escada abaixo e trabalhar como lavadeira de ganho, para fazer o seu barraco” (Silva, 2017, p. 19).

Na etapa **Anseio Urgente pela Reconexão com o Feminino**, a heroína busca integrar seus aspectos femininos antes rejeitados. Apesar desse passo não estar no miniconto, muito provavelmente, assim como em outras etapas, Antonieta busca reconectar-se com sua dignidade e força feminina.

A etapa correspondente à **Cura da Ruptura Mãe/Filha** também não é mencionada no miniconto, mas a independência e força de Antonieta sugerem uma superação das imposições maternas.

Na **Cura do Masculino Ferido**, Antonieta cura o masculino ferido ao se libertar dos abusos do patrão e ao construir uma vida independente e digna: “Antonieta segue em frente, lavando as roupas, costurando outras, plantando suas raízes, tendo suas diretrizes...” (Silva, 2017, p. 19)

Por último, na fase de **Integração de Masculino e Feminino**, a protagonista alcança um equilíbrio entre força e vulnerabilidade. Ela mesmo enfrentando vários traumas e dificuldades, encara a vida com gratidão: Todo dia, Antonieta, olha para o alto, agradece a Deus pelo sustento e vida e pensa: “quem tem fé, tem tudo...” “coração de gente é terra que ninguém passeia...” “mal de gente é ser surdo para a força do respeito [...]” (Silva, 2017, p. 19).

O miniconto "Antonieta em Prosa" reflete os passos da Jornada da Heroína de maneira mais clara que a história anterior, pois segue as etapas mais explicitamente. A protagonista enfrenta desafios externos e, finalmente, encontra um caminho mais grato. Sobretudo a fé de Antonieta é característica chave na complexidade da jornada da heroína.

O terceiro miniconto escolhido é "**O mar (d)e Maraísa II**", cujo enredo narra sobre a vida de uma mulher idosa que, no Natal, sofre uma violenta agressão por parte de meliantes, resultando na destruição de sua casa e pertences. Após esse episódio traumático, ela busca reconstruir sua vida. Maraísa decide aprender a ler e escrever, inscreve-se no Movimento Brasileiro de Alfabetização (Moblin) e, com ajuda das pessoas da escola, consegue uma casa fornecida pelo governo. Estabelece uma rotina de trabalho e estudo, aprendendo a costurar e frequentando a escola à noite, onde encontra consolo e entendimento ao compartilhar seu sofrimento. No Natal do ano seguinte, aos 67 anos, Maraísa realiza o sonho de ver o mar, simbolizando um renascimento e paz interior.

Como estudado anteriormente, essa etapa é o início de toda a trajetória da heroína, marcada pela **Separação do Feminino**. Na história de Maraísa, o ataque brutal e a perda de sua casa simbolizam a separação dela de sua vida anterior e de seu senso de segurança, forçando-a a abandonar sua posição passiva: “celebração do natal, e o presente de Maraísa: tapas, solavancos e socos na cara” (Silva, 2017, p. 21).

Na segunda fase, vem a **Identificação com o Masculino e Conquista de Aliados**. É identificado que Maraísa adota uma postura proativa ao decidir aprender a ler, escrever e

costurar, habilidades que lhe dão autonomia e a capacidade de reconstruir sua vida: “Depois de 2h15min33s, Maraísa levantou, foi ao hospital, se lavou e decidiu fazer o Mobral.”.

Na etapa **Caminho de Provas: Encontro com Ogros e Dragões**, Maraísa enfrenta desafios significativos: a violência física, a perda de sua casa e a necessidade de se reerguer do zero.

24 de dezembro, celebração do natal, e o presente de Maraísa: tapas, solavancos e socos na cara! [...]. Resultado de tudo: queimaram a casa de Maraísa. Rasgaram suas vestes, queimaram seus documentos, tiraram sua roupa, cuspiram nos seus cabelos... (Silva, 2017, p. 21)

A fase da Jornada da Heroína denominada **A Dádiva Ilusória do Sucesso** não é encontrada na história de Maraísa. Em **Mulheres Fortes Podem Dizer Não**, não há com clareza de um trecho em que Maraísa diz não para as adversidades, ela aprende a dizer não às expectativas externas e a tomar controle de sua própria vida, mas explicitamente não está dito.

Em a **Iniciação e Descida para a Deusa**, Maraísa mergulha em um processo de autodescoberta e fortalecimento interno enquanto aprende novas habilidades e reconstrói sua vida. Como destacado no trecho: “fez tudo direitinho, a papelada com o auxílio das pessoas da escola. Maraísa, depois de dias de espera, ‘ganhou’ a casa no governo e aí foi só alegria!” (Silva, 2017, p. 21).

Em seguida, em o **Anseio Urgente pela Reconexão com o Feminino**, a heroína sente um desejo profundo de reconectar-se com aspectos femininos autênticos e rejeitados de sua identidade. Como dito no texto: “Estabeleceu sua rotina. Pela manhã aprontava a comida, à tarde costurava com as amigas pra vender e ter sustento. À noite, um dos seus melhores momentos, ia pra escola” (Silva, 2017, p. 21). Ela se permitiu aprender coisas novas, se reconectar com ela mesma para poder se permitir aprender a ler.

No tocante à **Cura da Ruptura Mãe/Filha**, não há menção direta à relação de Maraísa com sua mãe.

Em **Cura do Masculino Ferido**, ao reconstruir sua vida e encontrar aliados, Maraísa cura aspectos de sua identidade que foram feridos pela violência masculina que sofreu. Exemplificando no fragmento a seguir:

Em meio às atividades, aprendeu a versar sobre o seu sofrimento, em alguns momentos lembrava "Eulália", sem nenhuma fama, sem destaques, mas era profundamente entendida por aqueles que conheciam seu caminhar na vida (Silva, 2017, p.21).

Ela cura feridas dentro de si mesma, através de versos, que só foram possíveis depois que foi alfabetizada.

Por último, na fase **Integração de Masculino e Feminino**, a protagonista realiza mais um sonho de conhecer e encontrar o Mar: “24 de dezembro do ano seguinte, era um sábado à tarde e Maraísa, aos 67 anos, realizou mais um sonho, foi ver o mar, um mar todinho para ela, o mar de Maraísa...” (Silva, 2017, p. 21).

As fases aqui descritas revelam que o miniconto “O Mar de Maraísa” corresponde também às etapas da Jornada da Heroína, não totalmente contemplada por todos os passos, mas é possível analisar a mudança da protagonista em trechos desde a Separação do feminino até a Integração de Masculino e Feminino.

O último miniconto selecionado, “O autorretrato, narra a rotina matinal de Milena, que começa com sua obsessão pelo próprio reflexo no espelho. Todos os dias, Milena se dedica longos minutos a examinar suas imperfeições físicas, ignorando os apelos de sua mãe para que se apresse e tome café antes de ir ao trabalho. Milena se perde em seus pensamentos sobre sua aparência, insatisfeita com cada detalhe do seu corpo. Sua mãe, frustrada, a lembra das responsabilidades financeiras que compartilham e menciona as infidelidades do pai, o que abala ainda mais Milena. Ao chegar ao trabalho atrasada e sem ter se cuidado adequadamente, Milena se dá conta de que nunca foi amante de sua própria existência, vivendo apenas na superficialidade de sua aparência.

A **Separação do feminino** é entendida no início do miniconto. Nesta parte, Milena está imersa em um ritual matinal que reflete sua desconexão com o verdadeiro feminino. Apesar de estar ligada aos aspectos femininos representados pela preocupação com a aparência e os rituais de beleza, em vez de se sentir empoderada por sua feminilidade, ela está presa a uma visão superficial e crítica de si mesma, visão esta alimentada por uma sociedade machista. Isso pode ser visto no trecho em destaque:

15 minutos depois, e Milena continuava lá, em frente ao espelho preso no banheiro, as espinhas que sumiram e as que apareceram, os detalhes dos olhos amendoados, os cabelos quebrados, os cílios que gostaria de aumentar, as olheiras que gostaria de tirar, as imperfeições que dizia que tinha... (Silva, 2017, p. 29).

Esta obsessão com a aparência física representa uma separação da essência feminina, que é mais profunda do que a mera aparência.

No miniconto, a etapa de **Identificação com o masculino e conquista de aliados** não é esclarecida no texto. Milena está isolada em sua batalha interna, sem apoio ou influência

externa significativa que a ajude a superar seus desafios. Esta falta de aliados ressalta sua solidão e a profundidade de sua introspecção.

A terceira fase é o **Caminho de provas: encontro com ogros e dragões**, fase esta muito presente no texto, pois os "ogros e dragões" de Milena são suas inseguranças e críticas internas. Cada imperfeição que ela percebe e julga ter é um obstáculo diário: "Da cozinha sua mãe gritava: — Anda, Milena, você vai se atrasar no trabalho! O café tá na mesa, menina. Milena continuava na sua simbiose [...]" (Silva, 2017, p.29).

Em seguida, na etapa **A dádiva ilusória do sucesso**, o sucesso ilusório é marcado pela forte crença de Milena ao acreditar que alcançar a perfeição física trará felicidade e autoaceitação. Contudo, percebe-se que, mesmo que ela atinja seus padrões de beleza, isso não garante a satisfação interna ou a verdadeira felicidade: "[...] observava se a sua circunferência abdominal havia diminuído, também checava se os pelos pubianos já haviam crescido e se as axilas estavam cheirosas...Lá se iam mais 10 min." (Silva, 2017, p. 29). Esta busca incessante pela aparência perfeita é uma armadilha que a mantém presa em um ciclo de autocrítica.

Em relação à fase **Mulheres fortes podem dizer não**, assevera-se que Milena ainda não chegou ao ponto de dizer "não" às pressões sobre sua aparência:

Milena chegou ao trabalho, mais uma vez, com 15 minutos de atraso, sem tomar café e passar hidratante na pele, mas dessa vez com mais uma angústia: Nunca fora amante da sua própria existência, era mulher de fachada da própria aparência! (Silva, 2017, p. 29).

Logo depois começa a **Iniciação e descida para a Deusa**. Esse seria o momento em que a protagonista confronta suas inseguranças mais profundas e busca entender a origem de suas autocríticas. No miniconto, ela ainda não alcançou.

No que diz respeito à etapa do **Anseio urgente pela reconexão com o feminino**, observa-se que Milena demonstra um anseio inconsciente pela reconexão com o verdadeiro feminino, na medida em que seu ritual diário no espelho é uma busca por essa validação e reconhecimento.

A próxima etapa é a **Cura da ruptura mãe/filha**. Nessa fase, novamente a relação de Milena com sua mãe é mostrada de maneira superficial, com a mãe chamando-a para tomar café e ir trabalhar: "— Milena, você não tem o que fazer?! As contas do final do mês são minhas e suas! Seu pai tá cheio de amantes!" (Silva, 2017, p.29). Contudo, não contempla o que essa fase significa. Esta etapa corresponde com o entendimento de que a heroína renegou a mãe e enfim ela percebe que tudo de ruim que ela associava à figura materna provém de

uma sociedade que dá valor ao masculino. Por isso, não é observado esse momento no miniconto.

Milena não enfrenta diretamente questões relacionadas ao masculino ferido no miniconto. Portanto, na narrativa não há a materialização da **Cura do masculino ferido** segundo o quadro conceitual erigido por Murdock (1990) acerca da jornada da heroína.

Por fim, no que concerne à **Integração de masculino e feminino**, o miniconto sugere que Milena ainda está longe de integrar harmoniosamente os aspectos masculinos e femininos de sua identidade, visto que ela não alcançou alguns passos anteriores e decisivos para a sua mudança. Sua jornada está centrada na aceitação de si mesma e na superação de suas críticas internas.

O miniconto "O Autorretrato" é uma narrativa poderosa que descreve a luta interna de diversas mulheres assim como Milena. Comparado aos 10 passos da jornada da heroína, o miniconto contempla as primeiras fases desafiadoras da Jornada. Todo o processo de mudança, embates internos, negação e em seguida a contemplação ela não atende.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos minicontos selecionados do livro *Conto às Marias* através dos 10 passos da Jornada da Heroína revela um compilado de narrativas ficcionais ricas em simbolismo e transformação pessoal. A maioria das histórias espelham todos ou a maioria dos estágios da heroína, onde a separação inicial do feminino e as provas que se seguem resultam em uma profunda autodescoberta de sua identidade.

Durante o processo de escolha das histórias, conforme mencionado no quadro teórico-metodológico, foram privilegiadas as narrativas maiores, com fortes traços de reviravolta e superação das protagonistas. Essa escolha teve um impacto significativo, pois essas histórias conseguiram exemplificar a proposta da transformação pessoal que *A Jornada da Heroína* traz.

Desdobramentos futuros deste estudo podem incluir a exploração do livro da autora Daianna Quelle e suas obras, juntamente com mais pesquisas sobre a Jornada da Heroína. Além disso, pode-se investigar como essas narrativas podem ser usadas para ajudar pessoas a processar traumas e desafios pessoais. Importante ressaltar também que as etapas da trajetória da heroína não devem ser aplicadas sobre textos literários de forma absoluta, pois se trata de uma teoria que busca demonstrar as estruturas que sustentam a narrativa e que, muitas vezes, é manipulada a vontade do autor.

Esta análise não só celebra as narrativas de superação de “Marias”, mas também convida os leitores a refletirem sobre as jornadas pessoais de mulheres ao seu redor e a importância de oferecer suporte e autonomia a elas. Assim, concluímos que histórias como a do *Conto às Marias* são fundamentais para inspirar e motivar mudanças positivas em nossas sociedades.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Cultrix, São Paulo, 2005.

CONTENT, R. R. Jornada da Heroína: o que é, exemplos e como usar nas suas histórias. Rock Content, Maio, 2022. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/jornada-da-heroína/>.

MARTINEZ, M., & de Araújo, T. C. Métodos em estruturas narrativas míticas: a jornada da heroína de maureen murdock.

MEDEIROS, S. G. A jornada da heroína: estrutura narrativa para roteiros de ficção. Pucrs.Br. 2022.

MURDOCK, Maureen. The Heroine's Journey: Woman's quest for wholeness. Shambhala Pub, Boston, 1990.

ROSA, K. S., Ferreira, N. B., & Nesteriuk, S. A jornada da heroína: outra abordagem da representação feminina nos games.

VALLE, C. F. R., & Telles, V. O mito do conceito de herói. Retrieved, Junho, 2024. Disponível em: [https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01\\_O\\_Mito\\_do\\_Conceito\\_de\\_Heroi\\_Clea\\_e\\_Veronica.pdf](https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf)

VOGLER, Christopher. A Jornada do escritor: Estrutura mítica para escritores. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Daianna Quelle. Conto às Marias. Darda Editora, Campos dos Goytacazes, 2017.